

O Clube de Leitura Leia Mais Mulheres: conversando sobre a presença feminina na literatura

Livia Lara da Cruz

Instituto Federal do Paraná - Campus Avançado Astorga - livia.cruz@ifpr.edu.br

Resumo: O Clube de Leitura Leia Mais: Mulheres, do Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Astorga, é inspirado no projeto “Read Women 2014” (Leia Mulheres 2014) da escritora estado-unidense Joanna Walsh, que encontrou ressonância no Brasil por meio do grupo Leia Mulheres, espalhado por diversas cidades do país. Em 2015, Juliana Gomes, moradora da cidade de São Paulo, convidou as amigas Juliana Leuenroth e Michelle Henriques para transformarem a ideia de Joanna Walsh em algo presencial em livrarias e espaços culturais. A ideia consistia basicamente em estimular a leitura de obras escritas por mulheres, de clássicas a contemporâneas, uma vez que, analisando dados do mercado editorial, é possível perceber que as escritoras mulheres são menos publicadas, seus livros ganham menos prêmios e sua presença em eventos literários é menor, evidenciando que suas obras são menos valorizadas em relação aos seus pares masculinos. Nesse contexto, o Clube de Leitura Leia Mais: Mulheres, busca, como os projetos inspiradores, ampliar o repertório de leitura no que diz respeito a autoras, brasileiras ou estrangeiras. A cada mês um livro é escolhido coletivamente e lido por todos os participantes do clube, alunos do ensino médio e outros membros da comunidade escolar. Desde o primeiro encontro, ocorrido em abril de 2018, já foram lidos obras de escritoras do Canadá, Irã, Nigéria e Brasil. Até o momento, é possível considerar algumas mudanças de percepção entre os participantes (que não são fixos e mudam a cada encontro) a respeito da existência de diferentes autoras mulheres (“além da Clarice Lispector”), e sobre a diversidade de temas por elas tratados, muito além do que poderia pertencer ao chamado "universo feminino".

Palavras - Chave: Clube de leitura, autoras mulheres, leitura na escola.

Introdução

Não acho que haja nada nem parecido com literatura feminina, isso é uma grosseria para falar o mínimo. Você teria que dizer que é uma

literatura feminina de classe média ou baixa; de um mulher era ou branca; rural ou urbana; velha ou moça - e aí você vai afunilando até chegar nessa ou naquela escritora, e uma não

vai ter nada a ver com a outra a não ser o fato de serem mulheres. Eu sou uma mulher, não acho que minha literatura seja feminina nesse sentido. É uma literatura feita por mim, uma das minhas características é ser mulher. Ressaltar somente esse fato é um alijamento e uma exclusão, e a única coisa que eu posso dizer para concluir é a lembrança os narradores masculinos que abundam na literatura universal desde que o mundo é mundo (VIGNA, 2014 <http://rascunho.com.br/elvira-vigna/>)

Tomaremos esse comentário da escritora, ilustradora e jornalista brasileira falecida em 2017 Elvira Vigna, como ponto de partida para a discussão aqui proposta, que perpassa a relação entre a condição de submissão imposta às mulheres no decorrer da história, a marginalização literária como uma de suas consequências e a estratégia dos clubes de leitura como tentativa de subversão à essa ordem.

Quando se evoca uma "literatura feminina", o que realmente se pretende dizer? Uma coletânea que traz textos de "mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira", (organizados por um

homem) nos traz que tipo de evidências? Clarice Lispector disse: "Quando escrevo, não sou homem nem mulher. Sou homem e mulher": assim, a princípio, a variável não deveria ser importante ao se falar de literatura, que deveria ser tratada como tal. Entretanto, considerando o fato de que o nome de uma escritora na capa de um livro pode trazer a ideia de se tratar de algo "menor", "específico" ou "menos universal" do que um texto escrito por um homem, o termo em questão pode servir de ponto de partida para que se discuta o espaço das mulheres em tudo o que envolve o universo literário: publicação de livros, conquista de prêmios, participação em eventos etc.

De acordo com ROCHA & SILVA,

Nos últimos anos, inúmeras estudiosas feministas defenderam a imprescindibilidade da reescrita acerca da configuração social da mulher e sua presença no universo literário, enquanto escritora ou personagem, devido às inúmeras dificuldades que lhes foram impostas quando houve a tentativa, ao longo dos anos, de serem escritoras e/ou integrarem o cânone literário. O uso de pseudônimo masculino, por sua vez, registra um dos mais típicos exemplos da realidade vivida por

escritoras dos séculos passados. A utilização de pseudônimos tinha como objetivo a preservação da imagem feminina advinda da pressão social que a exposição pública suscitava. Em contrapartida, no campo literário, as obras escritas por homens continuam a ser vistas como universais e este ofício segue sendo uma atividade predominantemente masculina, mesmo que seja evidente a existência de incontáveis escritoras (ROCHA & SILVA, 2016, p. 124).

Assim, para além do fato dos “livros clássicos” serem predominantemente obras redigidas por homens, uma vez que nos séculos passados, era praticamente impossível a uma mulher encontrar apoio financeiro e editorial para efetivar a publicação de suas obras, as escolhas de publicações na atualidade permanecem valorizando o ponto de vista socialmente hegemônico: ele é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo, cujos narradores, protagonistas e coadjuvantes em sua maioria também são homens, brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades. A conclusão é resultado de um

estudo iniciado em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora titular de literatura brasileira Regina Dalcastagnè, que analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014¹. São resultados que saltam aos olhos, mas não surpreendem, uma vez que nossa literatura está diretamente inserida no contexto nacional do machismo, racismo e de exploração do trabalho,

¹ Para mais informações sobre as pesquisas desenvolvidas por Regina Dalcastagnè, seguem alguns links: Site do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea: <https://www.gelbc.com/>; Artigo “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, de 2005 na revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no qual foram publicados todos os resultados da pesquisa citada: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687>; Em fevereiro de 2018, a Revista CULT divulgou alguns dos dados inéditos da segunda fase dessa pesquisa, isto é, referente aos romances publicados de 1965 a 1979 e de 2005 a 2014: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>; Durante o XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, ocorrido em agosto de 2017, Dalcastagnè fez uma intervenção emocionante e necessária na mesa “Artes e Revolução”, no qual ela fala sobre literatura e resistência: <http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/1936-literatura-e-resist%C3%Aancia-no-brasil-hoje.html>.

O que a pesquisa mostra, de modo geral, é que as grandes editoras brasileiras publicam livros que tratam sempre dos mesmos temas, trazem um perfil de autor muito parecido e são esses livros que são resenhados nos jornais, que estão nas livrarias e nas listas dos vestibulares, dizendo ao público o que é literatura e quem pode ser chamado de escritor. Quem está fora desse perfil, ou seja, as mulheres, os indígenas, os negros, os periféricos ou pobres, podem vir a ser recusados de maneira muito mais veemente, ainda que tenham coisas tão ou mais interessantes a dizer. Fica claro, portanto, a necessidade de diversificar os autores e as visões de mundo veiculadas na literatura ². Dalcastagnè sugere que se ultrapasse a chamada literatura com "l" maiúsculo, masculina e branca, já que toda a produção que não passa por esse lugar se torna adjetivada: feminina, negra, periférica, marginal e se pense em termos de literaturas, sem "l" maiúsculo, o que

² O excelente infográfico de Nígeia Borges, publicado no site Ponto Eletrônico organiza os dados recolhidos pelo GELBC durante a pesquisa "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004": <http://arquivo.pontoeletronico.me/2013/02/18/eu-queiro-escrever-um-livro-sobre-literatura-brasileira/>

configuraria um conjunto muito mais vivo e pulsante³.

Considerando esse contexto, e sem nos alongarmos nas questões anteriormente expostas, os clubes de leitura constituídos com a especificidade de discutir apenas obras de mulheres surgem como uma estratégia para estimular o conhecimento acerca de autoras e obras muitas vezes desconhecidas pelo público em geral. No início de 2014, a escritora Joanna Walsh

³ Sobre a inserção feminina na escrita da sociedade brasileira do entresséculos e a discussão sobre os motivos para uma mulher escrever e publicar menos que um homem, o livro "Vidas de romance — As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos", de Maria de Lourdes Eleutério, traz uma discussão interessantíssima a respeito. Como exemplo, podemos ficar com a reação de Olavo Bilac à publicação dos primeiros versos de sua noiva, Amélia de Oliveira: "Minha Amélia (...) Antes de tudo, quero dizer-te que te amo, agora mais do que nunca, que não me saís um minuto do pensamento, que és a minha preocupação eterna que vivo louco de saudade (...) Não me agradou ver um soneto teu (...) desagradou-me a sua publicação. Previ logo que andava naquilo o dedo do Bernardo ou do Alberto. Tu, criteriosa como és, não o farias por tua própria vontade (...) Há uma frase de Ramalho Ortigão, que é uma das maiores verdades que tenho lido: — O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida. — Não é uma grande verdade? (...) há em Portugal e Brasil cem ou mais mulheres que escrevem. Não há nenhuma delas de quem não se fale mal, com ou sem razão. (...) Não quer isto dizer que não faças versos, pelo contrário. Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim, — mas nunca para o público (...) Teu noivo Olavo Bilac. São Paulo, 7 de fevereiro de 1888." Como Juliana Maffei postou no facebook em 20 de fevereiro de 2018, um dos motivos para uma mulher escrever e publicar menos que um homem, "pode estar ao teu lado, na tua casa, beijando tua boca".

propôs o projeto #readwomen2014 (#leiamulheres2014), que consistia justamente em incentivar a leitura de mais escritoras. Como forma de trazer à tona a desigualdade de gênero na literatura, ela propôs promover um equilíbrio por meio da criação de um projeto, que teria como foco ler e discutir apenas obras produzidas por mulheres. “Escritoras são, a maior parte do tempo, julgadas pela sua aparência, em vez de serem julgadas pela qualidade de sua escrita. No Reino Unido, a historiadora clássica Mary Beard foi chamada de "feia demais para a televisão", enquanto a ganhadora do Booker Prize Eleanor Catton, apesar de "nerd" é aceitável porque é "bonitinha". Por que editamos, publicamos, traduzimos, divulgamos, estudamos, discutimos menos a produção de ficção e de não ficção de mulheres? O que fazer para mudar isso? Ler as obras de escritoras, valorizar outras profissionais mulheres do mundo editoria”, escreveu Joanna no perfil oficial do projeto nas redes sociais (<https://www.facebook.com/WomenRead/>

Inspiradas pela iniciativa internacional, Juliana Gomes (consultora de marketing), Juliana Leuenroth (jornalista) e Michelle Henriques (transcritora), amigas que

tinham em comum o fato de gostarem de literatura, serem feministas e, em contraste a isso, terem em suas bibliotecas pessoais livros escritos majoritariamente por homens criaram o clube de leitura Leia Mulheres em fevereiro de 2015. O primeiro encontro foi no mês de março em São Paulo e, conforme o projeto foi alcançando maior visibilidade, principalmente pelas redes sociais, propostas para a constituição de grupos em cidades diversas foram surgindo. Hoje são cerca de 300 clubes espalhados pelo Brasil inteiro, que, juntos, contam com uma média de 2500 a 3000 participantes, por mês, entre mulheres e homens. De acordo com Juliana Gomes, "continuamos a ler homens, mas precisamos incentivar a publicação e a divulgação de livros escritos por mulheres também. Assim como a formação de críticas literárias, jornalistas culturais e curadoras de projetos (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1693329-contra-machismo-na-literatura-projeto-estimula-leitura-de-autoras.shtml>. Acesso em 13/11/2018).

O Clube de Leitura Leia Mais: Mulheres, projeto de extensão do Instituto Federal do Paraná - Campus Avançado Astorga, teve início em abril de 2018. Com franca

inspiração nos dois exemplos citados, o Clube tem a pretensão de ampliar o conhecimento da comunidade escolar (alunos do ensino médio, servidores, pais e moradores da cidade) acerca de autoras mulheres e aumentar a percepção sobre os mais diversos assuntos que, longe de caracterizar uma literatura “feminina”, fazem parte do universo comum as mulheres e aos homens. Assim, desde abril, a cada mês um livro de autoria feminina foi escolhido e lido por aqueles que se interessassem em participar do encontro em questão, a fim de que uma conversa reflexiva pudesse acontecer entre os participantes. Como objetivos principais do projeto é possível citar: divulgar livros escritos por mulheres, brasileiras ou não; exercitar a leitura como prática incentivar a leitura e formação de novos leitores; possibilitar a discussão coletiva e o respeito às ideias alheias.

Metodologia

O Clube de Leitura Leia Mais: Mulheres, projeto de extensão do Instituto Federal do Paraná - Campus Avançado Astorga, teve início em abril de 2018. Desde então, a cada mês, um livro de autoria feminina foi escolhido e lido pelos participantes, a fim de que fosse construído um momento onde

os alunos do ensino médio e outros membros da comunidade escolar pudessem se reunir para conversar sobre a leitura de um livro em comum, sob minha mediação.

Nos encontros, ocorridos no auditório do Campus Avançado Astorga, e com duração média de uma hora e meia, foram realizadas leituras de trechos das obras, seguidas de observações e comentários dos participantes. A metodologia do projeto foi pensada com o intuito de incentivar um trabalho dinâmico, participativo e coletivo: para tanto, os encontros tiveram caráter optativo (foi possível aos participantes escolher os encontros em que gostariam de estar presentes e os encontros aconteceram independentemente um do outro) e a definição das obras se deu coletivamente a partir de sugestões trazidas pelo grupo. Com intervalo médio de quarenta dias, o primeiro encontro aconteceu no dia 24/04, as 15 horas no auditório do campus, e o livro sugerido para a estreia foi “Outros jeitos de usar a boca”, da escritora canadense Rupi Kaur. Desde então foram lidos "Devemos todos ser feministas", da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, "Persépolis", da iraniana Marjani Satrapi, "Quarto de despejo", de Carolina de Jesus, "A vida invisível de Eurídice Gusmão", de

Martha Batalha" e "Heroínas Negras Brasileiras Em 15 Cordéis", de Jarid Arraes. Para a escolha das obras, foram considerados diferentes tipos de produção textual (poesia, quadrinhos, diário, romance, cordel) e diferentes nacionalidades das autoras, a fim de que fosse possível a construção de um panorama diferenciado acerca das realidades observadas pelas autoras. Para que a sugestão de um livro fosse levada adiante, seu acesso físico (exemplares na biblioteca) e disponibilidade virtual (pdf ou on-line) eram essenciais. Embora a maioria dos estudantes relatem a preferência pelo livro em si, ao longo do ano essa questão foi trabalhada como senso, se não ideal, a possível.

Resultados e Discussão

O Clube de Leitura Leia Mais: Mulheres, cujos encontros começaram em abril de 2018 no Campus Avançado Astorga - Instituto Federal do Paraná, foi gestado a partir de iniciativas anteriores que possuíam como foco a leitura e discussão de obras escritas por mulheres, grupo francamente em desvantagem no interior do mercado editorial brasileiro face ao grupo hegemônico.

Os seis encontros ocorridos desde o início do Clube não são suficientes para trazer nenhum tipo de conclusão fechada. Considerando que a leitura e seu alcance possui variáveis extremamente subjetivas, cuja avaliação demanda estratégias específicas e tempo para ser realizada e comparada, é cedo para afirmar como a leitura e as discussões por ela suscitadas afetaram os participantes. Para o próximo ano, será pensada uma forma mais sistemática de avaliação, a ser feita a cada encontro, de maneira a concretizar ideias e percepções tomadas aqui apenas a partir de conversas informais. O fato dos participantes não serem fixos e o desejo de não "escolarizar" o Clube (ainda que ele seja uma atividade feita dentro da instituição escolar) serão dois fatores que nortearão essa avaliação e o modo como será feita.

De maneira geral, foi perceptível a ampliação do repertório de autoras mulheres e suas obras, muito diferentes dos romances comerciais mais comuns na mídia: muitas delas não eram conhecidas entre os participantes e despertaram certas "paixões". A canadense de ascendência indiana Rupi Kaur foi uma delas: o seu livro "Outros meios de usar a boca", de poesias que versam sobre amor, dor, cura,

separação e renascimento, encontrou muita receptividade entre os adolescentes do ensino médio (principalmente meninas), que compartilharam o livro físico e o pdf entre si, mesmo depois do encontro do encontro do Clube já ter acontecido. Recentemente, em um Sarau promovido na Semana do Livro da Biblioteca, no começo de novembro, duas alunas leram poesias do livro citado. Do mesmo modo, Marjane Starapi encantou com seus quadrinhos que, se a princípio sofreu uma certa "rejeição" devido ao tamanho do pdf (cerca de 200 páginas), depois caiu nas graças até de quem sentia um certo preconceito com o gênero, ou nunca tinha se interessado em ler. A nigeriana Chimamanda Adichie foi mais uma que chamou atenção, inicialmente pela força do seu texto e depois pela maneira de falar e se vestir, uma vez que assistimos também a palestra na plataforma TED.

Foi interessante perceber que, a despeito das realidades vivenciadas pelas autoras, sempre havia a aproximação com a realidade no Brasil. Ficou evidente que o fato de sermos humanos nos ligam a todos: independentemente do tempo e espaço geográfico, sempre existem pontos de convergência entre os grupos sociais. Ainda que não se tenha falado sobre

"literatura feminina", pois os objetivos do Clube e a opção pela escolha de autoras mulheres foram mencionados em todos os encontros, questões que afetam mais especificamente as mulheres foram identificadas em todas as obras, principalmente no que diz respeito às vivências em sociedades patriarcais, nas quais o machismo é o fio condutor e muitas vezes determina modos de viver, sentir e pensar. Assim, assuntos denominados "sensíveis", como gênero, racismo, homofobia entre outros encontram um espaço seguro para serem mencionados e obriga a todos aumentar sua percepção sobre eles, além de exercitar a escuta ativa e o respeito pelas diferenças. É possível que o Clube tenha contribuído para que a turma esteja mais atenta frente à possibilidade de ler obras de autoras mulheres, extrapolando, como uma das estudantes mencionou, "Clarice Lispector" ("Até começar a participar do Clube eu só conhecia a Clarice Lispector, por causa da "Hora da Estrela", do vestibular da Universidade Estadual de Londrina"). Ajudar a "desnaturalizar" uma situação que até então era encarada como "normal" (Quantas obras de mulheres você já leu na sua vida? Quantos livros de mulheres você tem na sua casa? Quantas mulheres fazem

parte da lista de livros obrigatórios dos vestibulares que vocês já prestaram ou querem prestar?), ou seja, uma certa invisibilidade das mulheres no mercado editorial (invisibilidade essa mencionada por uma estudante na discussão sobre o livro de Martha Batalha, "A vida invisível de Eurídice Gusmao"), e questionar os motivos para que as respostas dessas perguntas sejam X e não Y (Será que existem menos escritoras do que escritores? As mulheres se interessam menos por escrever? São menos capazes do que os homens?) certamente se configura como premissa norteadora do Clube.

Por fim, cabe mencionar que em uma sociedade letrada, em que os textos estão por toda parte e a prática da leitura se constitui como necessidade promordial na vida social realmente ativa, um número considerável de pessoas lê pouco e/ou lê mal. Longe de querer apresentar o Clube como a panacéia para esse mal, e menos ainda apresentá-lo como redentor, tem - se aqui uma singela proposta de contribuir na criação de uma cultura de leitura dentro da escola, onde a literatura seja afastada de qualquer elitismo que possa circundá-la e possa ser considerada um espaço de TROCA e

não necessariamente uma aula ou coisa parecida.

Considerações Finais

Agradecimentos

Agradeço ao Instituto Federal do Paraná - Campus Avançado Astorga a possibilidade de participar do XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR) e 19º Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero. Aos participantes, passados e futuros do Clube de Leitura: Leia Mais mulheres, e às pioneiras que inspiraram a ação.

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. "Um mapa de ausências". In: _____. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte/Riode Janeiro: UERJ, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos(orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Coleção Estudos de Literaturas Contemporâneas).

ROCHA, Hellyana. SILVA, Olívia Aparecida. Representação feminina em livia garciarosa

e elvira vigna. **Revista Fórum Identidades.**
Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., 2016.